

FMI
 BIBLIOTECA
 Tribuna da Bahia
 081051 03
 Rua Interoceânica 07
 Assunto
 Defesa Civil

A **TRIBUNA** ADVERTIU. A CODESAL INTERDITOU. MAS...

Defesa Civil

E o velho casarão virou pó

PAULO ROBERTO SAMPAIO
Diretor de Redação

Não foi por falta de aviso. Na edição de ontem a **Tribuna** estampou com destaque a foto do velho casarão da rua do Gravatá 22 B. Foi a última foto do velho sobrado que já teve dias de glória, foi morada de famílias de posse, de um conceituado comerciante baiano, dono de empórios e armazéns na Baixa dos Sapateiros e no Comércio, mas que se transformou em abrigo de mendigos e viciados, na cracolândia do Gravatá, até virar pó, ontem.

Eram 19h35 quando Pedro Silva Souza, um cearense atarracado que ganha a vida como camelô na Barroquinha cruzava a porta de um dos botecos mais conhecidos da área, o armazém de Antônio. Ele ainda correu a mão no bolso catando uns trocados para tomar uma pinga quando ouviu um estalo forte. Parecia um trovão. Levantou as vistas e só viu um poeirão cobrir tudo à sua volta em meio a gritos de desespero e histeria.

O velho casarão 22 B, justo ele que a **Tribuna** advertia estar para desabar, caiu. Caiu praticamente de vez, sepultando os últimos cacarecos guardados por um bando de marginalizados da sociedade, mulheres com filhos pequenos, mendigos, catadores de papel, traficantes e viciados. Pedro saltou de banda, correu uns 30 metros e só quando a poeira baixou voltou para ver se podia ajudar. Mas ficou pelo caminho. A fachada do velho sobrado teimava em permanecer de pé, se inclinando sobre quem passava à sua volta.

Do meio dos escombros surgiu Queimado, um menino de 12 anos, embora aparente menos, que nasceu Rômulo, mas ganhou o apelido exatamente por ter lido boa parte do corpo queimado numa dessas tragédias da vida. Estava atordoado e saiu dos escombros, arrastado pelas mãos da mãe, Neuma, de 40 anos. Os dois deram sorte. Estavam entrando no prédio, ainda no corredor, quando ouviram o estrondo.

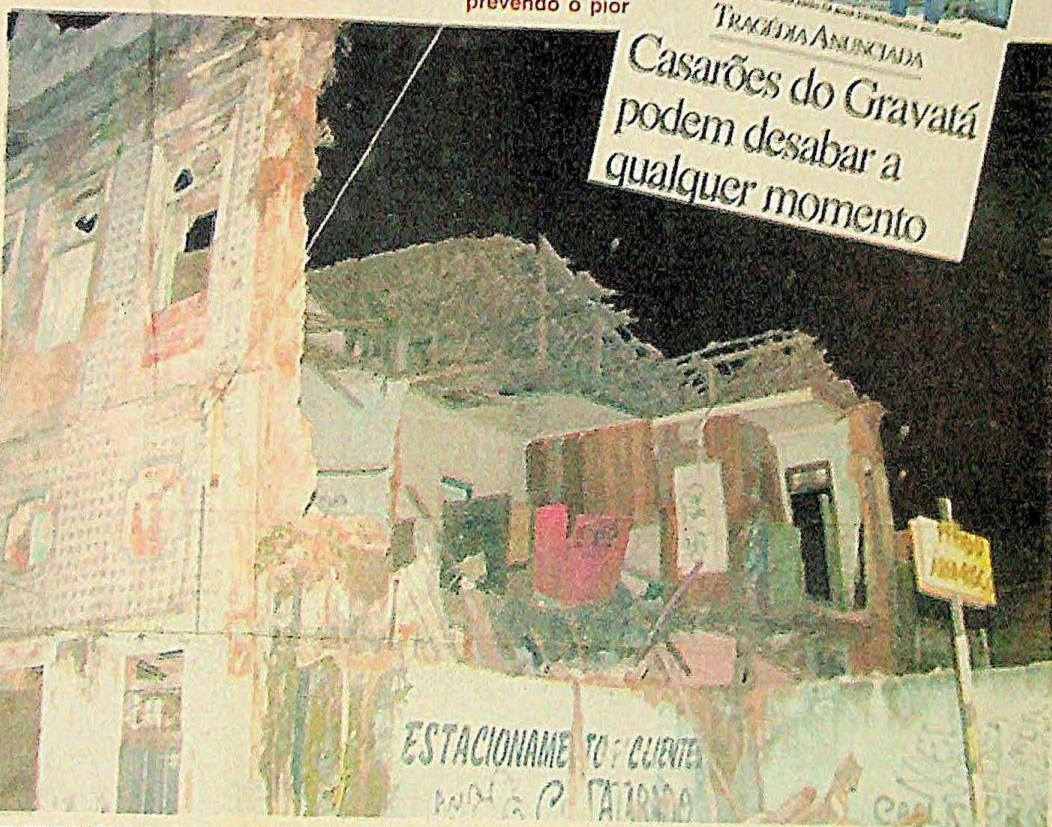
Meio assustado, ar de demente, um pavor estampado no rosto, Queimado nem sabe o que diz. Estende a mão como se pedindo ajuda. Algum tipo de ajuda, de carinho, proteção. A mãe ainda se consola com a vida, mas perdeu o resto dos trastes que tinha, se bem que eram tão poucos.

Mas, junto com ela, outros lamentavam a queda do velho abrigo, condenado pela Codesal, interditado várias vezes, apontado ontem pela **Tribuna** como prestes a ruir, mas único e derradeiro abrigo.

Nas mesmas condições ficaram Maria Rita Santos, agarrada com um filho de 14 anos, Edileusa Santana, mãe de uma escadinha de seis, Rosa Maria, Adolfo Alves, Adalgisa Silva, Caetano Santos Cardoso, Elisângela Vi-eira, Mancel Pereira dos Santos, Luis Araújo e mais quase duas dezenas de deserdados. Para trás deixaram apenas três lâmpadas que teimavam em continuar acesas, luz vinda de um providencial gato feito há muito tempo na rede pública. E histórias capazes de encher várias páginas de jornal.

Menos de 12 horas após a **Tribuna da Bahia** ter denunciado o perigo e a prefeitura, através da Codesal, ter constatado e interditado o prédio, o velho casarão da Rua do Gravatá desabou, no começo da noite de ontem, provocando a morte de um homem. Os bombeiros ainda tentaram resgatá-lo dos escombros, mas em vão.

Tribuna da Bahia, edição de ontem, prevendo o pior



Em menos de um minuto, o velho casarão do Gravatá, ponto de venda de crack e abrigo de marginalizados, ruíu

E "Boca" ficou sob os escombros

O velho casarão 22 B do Gravatá era um desses sobrados erguidos numa época em que a cidade fervilhava em torno do centro histórico e onde cada beco ou avenida ganhava contornos de moradia de gente de bem, ainda que não pudesse ocupar os andares superiores e de frente de rua, reservados aos de maior poder aquisitivo à época. Assim, se tinha frente para o Gravatá, principal via de acesso a ligar a Praça Municipal à avenida Joana Angélica e ao tradicional Campo da Pólvora, tinha os fundos voltados para o Beco dos Escravos. Um subsolo, melhor dizendo, última moradia de uma das figuras mais folclóricas e queridas do Gravatá: o velho Boca.

Homem traçado para o trabalho, nascido Nivaldo Aragão de Souza em meados da década de 40, quando o mundo se livrava do pesadelo da segunda guerra mundial, Boca jamais enjoeu trabalho. Via de biscates, é certo, mas ajudou a carregar nas costas a riqueza de muita gente. Se orgulhava de ser carregador, ainda que os anos tenham lhe corroído as forças e a cerveja se incumbido de atogar as nádegas.

Boca era um homem sério. Morava nos fundos, lá no subsolo, mas nunca deixou de chamar a atenção dos filhos de procurar orientá-los para viver longe das drogas. Estava revoltado. Não aceitava ter de dividir o mesmo espaço, o velho casarão, com maculeiros, traficantes e viciados, mas era o que a vida lhe reservava. Dividia as nádegas com a mulher Judite Silva Santos e com os filhos, Paulo Henrique, Waldir e Noel, um único cômodo do velho casarão onde se espremiavam quatro camas, um velho armá-



Transtornado e abalado, Noel lamenta não ter podido salvar o velho Boca

rio, um fogão de quatro bocas, recolhido ali mesmo na vizinhança e só. O banheiro era lá fora. Comum a todos no velho pardieiro.

Noel se emociona ao falar do pai, recorda seus conselhos e diz que mesmo hoje, com 24 anos, ainda levava uns bons punções de orelha quando o velho cismava que ele estava fazendo alguma coisa errada. Sua preocupação maior era ter os filhos longe das drogas, ainda que tolerasse uma cervejinha e uma tranquinha. Noel falou com ele às 5 da tarde. Foi a última vez. Saiu para tentar ganhar alguns trocados lavando carro no Campo da Pólvora e voltou praticamente na hora da tragédia, a tempo apenas de correr para tentar salvar o pai. Boca estava dormindo.

Passara o dia como de costume, zanzando pela rua à espera de algum bico. Seu Mario Augusto Viana, comerciante de muitos anos no local, se arrepiou em falar do amigo. Diz que não se conforma em imaginá-lo sepultado embaixo daqueles escombros, depois de passar boa parte da tarde com ele ali na esquina, batendo papo e falando de futebol. Ele ainda advertiu Boca dos riscos que corria, ele garantiu que estava providenciando um canto para ficar e até já tirara a mulher e os filhos. Mas para onde? Boca tomou umas cervejinhas para esquecer do drama que vivia, do futuro ainda mais incerto, longe do galinha pão e dos amigos e cansado, esqueceu do perigo, da advertência do amigo Mario e dos homens da Codesal, se

curvou sobre o velho colchão assim que o sol se pôs, largou o corpo cansado e dormiu. Foi seu último abrigo. Quando o casarão caiu, Noel ainda correu para acudir, para tirá-lo debaixo dos destroços. Podia praticamente vê-lo, tão perto chegou de sua cama, mas, os bombeiros, que estavam ali pertinho, a pouco mais de 200 metros e chegaram rápido, insistiam que só podiam entrar no vão aberto pela porta que acabou encostada depois de escorar à parede. Noel se desesperou, mas não teve jeito. Cinco minutos depois, como a sepultar suas últimas esperanças, mais uma parede e parte do segundo andar que continuava de pé ruíram sobre o vão onde estava o velho Boca. Agora, só um milagre.

07.05.2003

SECRETARIA MUNICIPAL DA COMUNICACAO SOCIAL

Defesa Civil determina demolição de casarão em ruínas no Gravatá

A Defesa Civil determinou a demolição em caráter emergencial do casarão 22-B da Rua do Gravatá, Centro da cidade, que apresenta risco iminente de desabamento. Condenado em reiteradas vistorias técnicas, o imóvel foi avaliado há cerca de nove anos, mas voltou a ser ocupado de forma clandestina por pessoas que ilegalmente persistiam no local.

As recomendações para demolição do prédio, a Defesa Civil levou em conta parecer

Codesal interditou prédio desde cedo

NOEMI FLORES

A doméstica Fabiana de Moraes Correia, 22 anos, estava desesperada, pois não sabia o que fazer e para onde ir, mas desabafou "ainda bem que minha filhinha está na casa de um tio, irmão do pai, desde domingo na Caixa D'Água, mas eu sou separada do pai dela e não tenho pra onde ir."

Fabiana como os outros 34 moradores do casarão receberam ainda ontem à tarde uma notificação da Codesal para que abandonassem a casa, pois segundo levantamento feito por engenheiros da Defesa Civil a casa estava condenada, mas os moradores ignoraram a determinação e continuaram ocupando os compartimentos do casarão. O motivo do não-cumprimento da ordem segundo Antônio Jorge da Purificação do Carmo, músico, é que "infelizmente a gente não tem pra onde ir, tremos que ficar aguardando". Contou ainda que ele é a mulher, Maria Auxiliadora Mendes de Souza, quando perceberam os primeiros estalos durante a tarde. Viraram algumas coisas de valor, como televisão, som, docu-

mentos e algumas roupas, levando para a casa de uma vizinha. Pai de três filhos e três enteados, Antônio está preocupado com a situação de sua família agora, ele se pergunta "onde encontrar outro local para morar?", pois residia em três cômodos pagando a importância de R\$ 30, 00 por semana.

A chefe do setor Social da Codesal, Maria Luísa Oliveira, confirmou que ontem à tarde esteve no local acompanhada de uma engenheira para inspecionar a situação do imóvel e foi verificado que havia perigo de desabamento. Os moradores foram notificados para deixarem o prédio porque o mesmo estava condenado pela Defesa Civil, devendo ser demolido nas próximas horas, o que seria feito às 10 horas de hoje, mas se recusaram a sair.

O prédio está condenado desde 1996, conforme relato do chefe da Engenharia da Codesal, José Roberto Carreira. Segundo ele, na época houve uma notificação, as pessoas saíram e o prédio ficou fechado, mas outras ou as mesmas tomaram a iniciativa e assim sucessivamente.